



Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)
Patos de Minas: UNIPAM (2): 23-31, nov. 2009

A tentação de Persival e sua busca da virtude: análise de um episódio de *A demanda do Santo Graal*

Edilene Ferreira Ramos

UNIPAM. 6.º período de Letras, 2009. e-mail: eddileneramos@yahoo.com.br
Orientação: Prof. Dr. Luís André Nepomuceno (UNIPAM)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o episódio *A tentação de Persival*, da obra *A demanda do Santo Graal* e seu contexto histórico, tendo como suporte pesquisas bibliográficas feitas principalmente pelo historiador medievalista Jacques Le Goff. Será apresentado um breve estudo acerca da mentalidade medieval frente aos valores cristãos e cavaleiros da época.

Palavras-chave: 1. Demanda do santo graal. 2. Idade Média. 3. estoicismo

“A condição com a qual Deus deu liberdade ao homem é a eterna vigilância.”
John Philpot Curran

1. A busca do graal: as origens da obra

O Santo Graal é originariamente elemento sobrenatural de uma das narrativas de Cristiano de Troys – *A busca do Graal*. Os livros de Troys escritos em latim foram vertidos para o francês e são estas cópias que influenciaram a literatura portuguesa. *A Demanda do Santo Graal* foi traduzida da vulgata francesa *Quest del Saint Graal*, composta entre 1230 e 1240. Deve-se considerar que a obra constitui fatos relativos aos conceitos morais instituídos socialmente há mais de oitocentos anos, fatos não-históricos, ou seja, são histórias criadas a partir da mentalidade medieval. As concepções de tal período são bruscamente diferentes das contemporâneas; portanto a sociedade que recebeu *A demanda do Santo Graal* vivia com base nos preceitos cristãos em que prevalecia a busca invicta de Deus por meio de sacrifícios e abstenções.

O pecado era o grande determinante da postura medieval. As considerações geográficas e espaciais, a intelectualidade, o trabalho, as relações sociais, religiosas e antropológicas giravam em prol da culpa humana e da punição divina.

O graal é, materialmente, o vaso em que foi recolhido o sangue de Cristo, porém tem uma ressignificação ao ser tido como elemento atribuído ao sobre-humano e espiritual, representando assim uma simbologia do encontro da salvação pelo homem. Inacessível para muitos por exigir uma atitude pessoal de completa ausência de vícios, a salvação só seria conquistada por um cavaleiro plenamente nobre e puro. *A tentação de Persival* é um dos episódios da obra *A demanda do Santo Graal*, do ciclo arturiano, enquadrando Persival no padrão de herói medieval.

Persival é um cavaleiro virtuoso que terá sua pureza provada, pois só aquele totalmente honrado e livre das concupiscências chegaria ao fim da demanda. Nesse sentido, deve-se ter em conta que na Idade Média as concepções formadas acerca da sexualidade eram altamente repressoras, e o ato sexual condenava o homem ao inferno. Os cavaleiros, clérigos e filósofos tinham o voto de castidade para se absterem dos prazeres mundanos e se voltarem inteiramente para a busca da salvação. O herói, até ser tentado, mantinha uma conduta compatível com a idealização da cavalaria, ou seja, mantinha-se reto na sua busca pela virtude e portava-se integralmente na demanda do graal.

Persival é a figuração do cavaleiro que sai em busca da salvação, com votos de se direcionar apenas pela honra e coragem. Não obstante, é tentado e tem suas virtudes confrontadas. Até esse momento não tinha sentido amor por mulher, mantendo assim sua castidade; quando viu uma linda donzela dormindo, enamorou-se dela ao ponto de se esquecer do seu compromisso. O primeiro ponto analisado no episódio revela que o herói sucumbe ao desejo.

2. Os valores da cavalaria

A ética cavaleiresca estava moldada sobre um grupo elitizado de guerreiros virtuosos, honrados e destemidos, que buscavam provar sua hombridade por meio de combates. Esse ideal existia concomitantemente com a luta pela fé cristã ou proteção aos mais fracos. A cavalaria se manteve suprema em toda a Europa medieval, e para tanto só se integraria a ela o homem aristocrático. A supremacia da cavalaria durou até que as batalhas tiveram um novo ritmo com o fim da Idade Média.

O cavaleiro deveria levar diante de si, além de nobreza e aristocracia, a defesa dos ideais cristãos, sendo, portanto figura necessária à Igreja para garantir sua proteção. O desapego material e a busca de Deus como único objetivo da vida, acabavam por atrasar o desenvolvimento de forma geral para a Idade Média. Nessa perspectiva Le Goff afirma:

Estas duas idéias – o envelhecimento do mundo e o desprezo pelo mundo (*contemptus mundi*) – foram tão ampla e profundamente divulgadas pela Igreja que, durante muito

tempo, funcionaram com um freio que manteve os homens da Idade média longe de toda a ideologia do crescimento, progresso e felicidade (LE GOFF, 2006, p. 387).

A Igreja vai além, ao configurar à cavalaria o resguardo dos desamparados, tornando-se, portanto, um modelo de virtude para uma civilização idealizada, passando a representar um regimento militar com aspectos teológicos de acesso muito limitado. A ordem pública era determinada pelos grandes senhores aristocratas, amparados por seus cavaleiros, sendo, portanto, os responsáveis pela maior parte dos acontecimentos sociais da época.

Apesar da idealização da vida da cavalaria por parte da população, o historiador Georges Duby desvirtualiza a imagem pura e nobre desse cavaleiro ao expor uma face da sua conduta diante do caos vivido pela massa na Idade Média:

A função que desempenhava autoriza-o a passar o tempo entre prazeres que são também uma forma de fortalecimento de treino. A caça – por isso, as florestas, as áreas reservadas a esse jogo de aristocratas, se fecham aos arroteadores, o banquete: empanturrar-se de caça enquanto o homem comum morre de fome, beber, e do melhor vinho, cantar, folgar, entre camaradas, para que se estreite, à volta de cada senhor, o grupo dos seus vassalos, bando truculento que é preciso constantemente manter alegre. E, ante dos mais, na alegria primeira, a de combater. Esporear um bom cavalo na companhia dos irmãos, dos primos, dos amigos. Berrar horas a fio entre a poeira e o suor, desfraldar todas as virtudes dos seus braços. Identificar-se com os heróis das epopéias, com os antepassados cujas proezas é preciso igualar. Subjugar o adversário, capturá-lo, para o espoliar. No arrebatamento, chegar por vezes a matá-lo. Embriaguez da chacina. O gosto do sangue. Destruir e, chegada a noite, o campo juncado de mortos: eis a modernidade do século XI (DUBY, 1989, p. 17-18).

3. Idade Média: a era do medo e do pecado

Persival olha a bela mulher dormindo em um leito numa cabana, onde o cavaleiro chega repentinamente. Nesse sentido, cumpre ressaltar que a imagem clássica da figura feminina dormindo representa, na literatura clássica, a idéia de idealização da amada, conferindo a ela *status* de pureza, bondade e semidivindade. Fica clara a intensidade com que Persival foi tomado e conseqüentemente vencido pela tentação diabólica. O herói se deixa seduzir pela beleza aparente da donzela e passa da retidão de conduta exemplar para a condição de homem pecador que não atingirá a glória da salvação devido à concupiscência da carne.

As pessoas procuravam Deus e colocavam sua busca pela salvação como centro de toda a vida. Acreditava-se que o mundo havia sido invadido pelo pecado e a única forma de atingir a virtude plena era dando as costas para esse mundo e tudo o que ele oferecia. A história da Idade Média foi temporalmente marcada pela presença do pecado - a queda do homem, a vinda de Cristo e um possível Juízo Final. Entre a desobediência de Adão, a salvação por Cristo e o Julgamento Final o que mais justificou a conduta medieval foi a idéia da glória eterna para os que resistissem ao pecado e o castigo para os pecadores. Persival

tem sua resistência submetida à prova ao encontrar uma bela mulher que lhe seduz. O herói, neste contexto, representa toda a comoção humana diante do pecado na era medieval – se sucumbisse não poderia jamais chegar a Deus. Nesse sentido, Casagrande e Vecchio acrescentam:

[...] O pecado domina toda a rede de relações nas quais o homem medieval se move e se representa: o Deus ao qual esse homem se dirige é um deus que se lhe manifesta para proibir, punir, perdoar todos os pecados; o Diabo do qual foge é um demônio que o tenta e seduz a fim de induzi-lo a pecar; a comunidade a que pertence é antes de tudo uma comunidade de pecadores. A vida social parece-lhe dirigida, em todos os níveis e em todos os seus mecanismos, por esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseada: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transforma-se em avaréza, a corrente de subordinações alimenta a inveja (CASAGRANDE e VECCHIO, in: LE GOFF e SCHMITT, 2006, p. 337).

O imenso dilema vivido pelo homem neste período estava entre a concupiscência da carne e o espírito que desejava o bem. A realidade medieval era de pobreza, violência e repressão eclesiástica. A idéia do trabalho estava ligada não a um projeto econômico, mas a uma severa punição pelo pecado. A cultura religiosa da época imprimia uma série de valores que rebaixam o homem ao pecado. A partir daí ele passa a temê-lo e criar terríveis modelos e fontes para o que era ilícito. A sexualidade e o dinheiro eram vistos como os maiores promotores do pecado.

O homem medieval estava imbuído em uma série de situações apreensivas e intimidadoras. Seus inimigos reais – guerras, fome, pestes e até invasões de lobos – eram declarados pela igreja como punição divina; além disso, acreditava-se muito em seres fantasmagóricos. O desamparo na escuridão tornou-se fator apavorante para as pessoas. Segundo Delumeau, até a elite intelectualizada era vítima de espíritos ameaçadores advindos do medo da noite. As fantasias e pesadelos eram explicados pela ação invisível de espectros maus, duendes e lobisomens e principalmente pelo inacreditável medo do Diabo.

Nesse sentido o episódio *A tentação de Persival* faz um paralelo com a *Legenda áurea*, em que Antão é tentado. De acordo com Delumeau,

(...) o Inimigo ao mesmo tempo tenta e atormenta os humanos. Aterroriza por meio de sonhos, apavora por meio de visões (...). Além disso, ele pode não só investir contra os bens terrestres e o próprio corpo, como também pode possuir um ser humano sem o seu consentimento, que desde então se encontra desdobrado (DELUMEAU, 1989, p. 242).

O desejo libidinoso de Persival supera seu voto de castidade, logo ele não alcançará a plena virtude que o conduzirá à glória. Uma donzela que se casaria com um imperador por determinação do pai tem sua embarcação atingida por uma tormenta e vê-se perdida e desamparada. Sua narrativa envolvente encanta o herói e ele se encontra enamorado da donzela, que é, por trás da bela forma física, o Diabo que tenta o cavaleiro de Cristo, condi-

zentemente com a concepção medieval de que o demônio se disfarça para enganar e corromper os justos.

A mulher que se transforma em demônio representa fielmente o medo do homem medieval frente à luxúria e seu conseqüente afastamento de Deus. O desejo sexual colocaria a perder toda a conduta virtuosa do Cavaleiro de Cristo, que levava não só a ideologia de honra e coragem, mas a fé em Cristo, que era primordial. Como a Igreja era a maior detentora de terras naquela sociedade, seus valores eram deliberadamente impostos. O Cristianismo marcou profundamente a Idade Média, difundindo a religião e os valores culturais de toda a civilização.

O fato de a mulher ser vista como fator pecaminoso decorre da insegurança gerada pelo referencial estabelecido do que era sagrado. Daí a idéia persistente de pecado e de se devotar a Deus negando os prazeres carnis.

A mulher da época era excluída da vida eclesiástica e intelectual, por ter seu papel subjugado por uma sociedade patriarcal. Segundo Pernoud (1994), a Idade Média negou à mulher independência e instrução, fazendo dela apenas mãe de família ou trabalhadora recolhida à vida quotidiana.

Estes conceitos eram amparados por uma mentalidade fortemente ligada à figura do Diabo e seus males infernais; logo, a mulher passou a representar a possibilidade do pecado para o homem. O erotismo e o prazer sexual eram vistos como atos pecaminosos, devendo, por isso, ser veementemente evitados.

Para tornar compreensível o que eram as concepções medievais é necessário abordar o assunto na perspectiva de Jacques Le Goff, historiador francês que tomou como “objeto de estudo o fato óbvio de que o homem e, portanto a História, é formada tanto por seus sonhos, fantasias, angústias e esperanças quanto por seu trabalho, leis e guerras” (FRANCO JÚNIOR, 1999, p. 149). Ao se considerar o plano da mentalidade leva-se em conta “o nível mais estável, mais imóvel das sociedades” (LE GOFF, 1976, apud FRANCO JÚNIOR, 1999).

O imaginário medieval é um conjunto de imagens, reais e fantasiosas, tão fortes que, embora não-históricas, podem ser classificadas de *a-históricas*, por configurarem toda a cultura da época. Apesar de não se conhecer a especificidade do comportamento e da mentalidade medieval, a idéia do coletivo deve ser considerada.

Persival tem o coração comovido pelo amor a uma mulher. O cavaleiro neste momento rompe com seu voto de continência e sente algo até o momento negado por ele, já que o homem deveria entregar-se somente a Cristo e às virtudes. A partir daí todos os preceitos da vida do herói são contrafeitos.

Após se deixar enganar pela falsa beleza do Diabo, Persival entra em um conflito que o atordoa, o pune psiquicamente, desequilibrando-o. O episódio tem suas bases morais no Estoicismo, escola de filosofia da Grécia clássica que foi trazida para Roma, tendo como seu principal representante Lúcio Aneu Sêneca.

De acordo com as postulações de Sêneca em seu *Tratado da tranquilidade da Alma*, o homem deve manter-se em plena serenidade, não ser abalado pela ameaça do mal. A filosofia moral de Sêneca parte basicamente do princípio da busca pela virtude por meio da continência dos ímpetos. Na sociedade patriarcal da Idade Média os homens eram considerados mais propensos à virtude, por serem mais fortes; a mulher, ao contrário, tinha na sua fragilidade a inclinação ao pecado.

O vício, no caso do episódio em questão, a não-contenção do ímpeto sexual rompe com o caráter de castidade mantido pelo cavaleiro. A castidade representa a pureza que aproxima o homem da salvação divina, tão idealizada na época.

A tranquilidade da alma pregada por Sêneca edifica o ser, porém só pode ser atingida após a superioridade dos vícios mundanos. O homem que consegue conter-se eleva seu espírito a um plano de equidade divina.

A abordagem moralizante da obra traz impressa a necessidade de contenção, de autocontrole. A queda de Persival, ou o ato de deixar-se envolver pelo desejo carnal, leva o homem medieval a refletir sobre o perigo existente nas várias manifestações do prazer. O medo que leva o herói em sua trajetória e que o mantém vigilante abandona-o temporariamente, e é nesse instante de distração em que Persival se desvia de sua busca que o Inimigo o surpreende.

No instante em que o herói é vencido pela tentação diabólica uma voz do céu o acusa, trazendo-o para a sua realidade pecaminosa. Quando a donzela se transfigura, Persival se aterroriza não só com a revelação, mas ainda mais com a idéia do afastamento de Deus. Volta-se então para sua fé cristã como último recurso de salvação. A possível condenação divina o desequilibra e ele roga a Deus que o auxilie, diante de tamanho erro e engano.

4. O caráter do maravilhoso medieval

O episódio *A tentação de Persival* é uma narrativa que trata de um fato maravilhoso, algo de dimensões sobrenaturais. O episódio configura exatamente o imaginário da época e as construções antropológicas a partir dos medos e fantasias do homem medieval. Faz uma clara alusão ao terror advindo da tentação diabólica e a reflexão sobre o que é maravilhoso vindo de Deus e o que é ilusão de Satã.

Essa civilização era fascinada por tudo que fosse sobre-humano e excepcional. O homem e a natureza eram criações de um Deus milagroso e onipotente. O problema maior era o discernimento entre a maravilha de Deus e as tentativas de engano do Diabo. A grande questão medieval era, portanto, a relação do homem entre Deus e Diabo e tudo o que era verdadeiro ou ilusório. Nessa perspectiva, Le Goff define maravilhoso da seguinte forma:

[...] Um conjunto, uma coleção de seres, fenômenos, objetos, possuindo todos a característica de serem surpreendentes, no sentido forte da expressão, e que podem estar associados quer ao domínio propriamente divino (portanto próximo do milagre), quer ao

domínio natural (sendo a natureza originalmente o produto da criação divina), quer ao domínio mágico, diabólico (portanto uma ilusão produzida por Satã e seus seguidores sobrenaturais ou humanos) (LE GOFF, 2006, p. 106).

Em linhas gerais pode-se chamar maravilhoso algo prodigioso, ou um monstro ou catástrofe, enfim algo raro e espantoso. É exatamente o que é presenciado pelo herói Persival, algo inexplicável com referência no sobrenatural, uma metamorfose altamente perturbadora já temida e exortada pela Igreja.

Durante a alta Idade Média os milagres dos santos, os heróis cristãos, eram considerados maravilhas. Nos séculos XI, XII e XIII, a luta da Igreja contra os hereges tomava esse caráter. Porém é na passagem do século XII para XIII que fatos maravilhosos têm seu ápice no imaginário coletivo. A diferenciação entre o maravilhoso divino e o maravilhoso diabólico torna-se determinante na vida das pessoas. Abrindo passagem para a criação de histórias como a de Persival e as demais aventuras da cavalaria que são por si sós maravilhas.

É nesse contexto que Gervásio de Tilbury escreve a enciclopédia *Para entretenimento do imperador*, dedicado a Oto IV, em que inclui a definição de maravilhoso, seguida de uma coletânea de *mirabilia*.

As maravilhas tiveram várias fontes para se incorporarem tão fortemente na história medieval. Pode-se incluir nessas fontes a herança clássica de textos antigos com heróis da literatura como Virgílio e Alexandre, as narrativas fantásticas da Bíblia, o paganismo bárbaro com sua vasta mitologia germânica e o Oriente, em especial a Índia. Esta última teve influência em especial por contribuir com a coletânea sânscrita de contos e fábulas, datadas do século VI. De forma geral as maravilhas indianas eram fascinantemente assustadoras. Também contribuiu para o aparecimento das maravilhas medievais elementos do folclore do Ocidente cristão e pré-cristão, transmitidos por meio da lírica trovadoresca.

Porém é o cristianismo quem melhor define a linha do maravilhoso na Idade Média. A Igreja passa a atribuir a Deus todo o mundo mitológico criado até então. O cristianismo faz uma crítica a tudo que é excepcional e não que descende de Deus, imprimindo força à idéia dos feitos diabólicos, alimentando assim seus rituais e dogmas.

A configuração dada pela Igreja é analisada por Le Goff da seguinte forma:

O mundo sobrenatural cristão constitui-se na alternativa cristã do maravilhoso: santos, anjos, demônios. Um objeto maravilhoso originariamente pagão, mágico, torna-se, por deformação e mudança de função, cristão e até sagrado, como o Graal, que de taça mágica transforma-se em um cálice produtor de hóstias (LE GOFF, 2006, p. 114).

Os medos e concepções do homem medieval eram amplamente reforçados por meio dos sonhos e visões. A disseminação dos ideais cristãos por parte da Igreja e da cavalaria acabou por criar um ambiente sobrenatural e espiritual para punição dos pecados humanos – o Purgatório. Além desse novo conceito, que é aceito até os dias atuais, criam-se em fan-

tásticas metamorfoses humanas seres fabulosos como lobisomem. A Igreja também conferiu à época uma literatura que narrava a vida dos santos e seus milagres.

Os lugares em que as maravilhas eram mais propensas eram as ilhas, cidades (reais ou imaginárias) e o mundo espiritual. Todos esses lugares eram marcados por características fabulosas e surpreendentes, incluindo animais, metais preciosos, muita riqueza, e principalmente os heróis legendários.

Da mesma forma que seres maravilhosos povoavam a mentalidade das pessoas, a sensualidade feminina era condenada, daí a figura da mulher para tentar Persival e desviá-lo de seu propósito. Além de seres humanos transformados e com características de animais, havia objetos mágicos como anéis, espadas e até o Graal.

Existiu na Idade Média o maravilhoso com caráter científico. As enciclopédias mostravam o lado simples e natural de tudo que era considerado excepcional e fantástico. Os autores, como Tilbury, defendiam que muitas das crenças da época não passavam de imaginação.

Conclui-se, portanto, que as maravilhas foram sustentadas na Idade Média por uma tentativa de contestar a ideologia cristã de que o homem era feito à imagem de Deus e estabelecer distinção entre bem e mal. Segundo Le Goff:

Ele visa menos destruir do que domesticar o mal [...]. Para o homem medieval o maravilhoso exerce, sobretudo uma função de realização, não de evasão. Ele dilata o mundo e a psique até as fronteiras do risco e do desconhecido. Inserindo-se no natural e no real, ele o amplia e o complementa (...). Faz do surpreendente e do extraordinário, o motor do saber, da cultura e da estética da Idade Média. Estimula a abrir bem os olhos para a criação e o imaginário. Inspira uma cultura do surpreendente. Faz acreditar na criatividade e na audácia infinitas de Deus e de sua criatura, o homem (LE GOFF, *Maravilhoso*, 2006, p. 119).

O homem medieval, a partir da criação de seres extraordinários e de dar amplitude aos seus maiores medos, acabou por se abrir para novos conceitos e novas maneiras de ver o mundo e se relacionar com a natureza e Deus. O caminho fora aberto à crítica, à reflexão por parte de homens mais voltados para a busca da verdade. Com o fim da Idade Média tudo que era fantástico passou a ser alvo de críticas e novas interpretações.

Após sua genuína contrição, Persival é amparado pela bondade divina e pode retomar seu caminho de cavaleiro de Cristo buscando a equidade e a salvação. O herói é recompensado por se voltar para Deus e reconhecer que fora envolvido pela tentação da carne. Após concluir que o amor por uma mulher o separaria definitivamente de Deus ele mostra-se arrependido e muito temeroso da condenação divina.

Este é o caráter moralizante do episódio – a necessidade de contenção, o risco de ser enganado pelo Demônio e a figura de Deus como recompensadora dos que vencem a tentação concomitantemente com o desespero de ver-se condenado pelo pecado.

A tentação de Persival trata de uma narrativa que caracteriza muito bem a crença, os medos e a fantasia medievais. Dentro dessa perspectiva é importante salientar que as especificidades da mentalidade da Idade Média não foram nesta análise estudadas a fundo. O assunto tratado torna-se, portanto, objeto para novos estudos.

Ainda que não seja concludente, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma abordagem de um texto de caráter moralista e fazer breves esclarecimentos sobre o contexto da época. O episódio em questão remete o leitor ao universo do homem medieval com toda sua complexidade.

Referências bibliográficas

ANÔNIMO. *A demanda do Santo Graal*. Trad. de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

CASAGRANDE, Carla & VECCHIO, Silvana. “Pecado”. Trad. Lênia Márcia Mongelli, in: LE GOFF, Jacques & SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, Bauru: Edusc, 2006, v. 2, p. 337-351.

LE GOFF, Jacques. “Maravilhoso”. Tradução de Mário Jorge da Motta Bastos, in: LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*, Bauru: Edusc, 2006, v. 2, p. 105-120.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300 – 1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. Tradução de Maria Assunção Santos. Lisboa: Teorema, 1989.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

PERNOUD, Régine. *Idade Média: O que não nos ensinaram*. Tradução de Maurício Brett Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Da tranquilidade da alma*. Tradução de Giulio Davide Leoni, São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. 5 (Col. “Os pensadores”).